

# MEMÓRIA SABEDORIA



**COORDENAÇÃO**

José Pedro Serra  
Helena Carvalhão Buescu  
Ariadne Nunes  
Rui Carlos Fonseca



CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS



# MEMÓRIA SABEDORIA &

## COORDENAÇÃO

José Pedro Serra  
Helena Carvalhão Buescu  
Ariadne Nunes  
Rui Carlos Fonseca



## ÍNDICE

<i>Nota prévia</i>	7
<b>I. MEMÓRIA, SABEDORIA E PARADIGMAS FILOSÓFICOS</b>	
<i>Das memórias da sabedoria a uma sapiência diferencial</i> Carlos H. do C. Silva	11
<i>O romance como factor de educação e memória em La Nouvelle Héloïse de Jean-Jacques Rousseau</i> Custódia Alexandra Almeida Martins	103
<i>As águas turvas do conhecimento em Job, Moby-Dick e Mau Tempo no Canal</i> Gonçalo Cordeiro	115
<i>Transmissores subtis</i> Francisco Serra Lopes	125
<i>A sabedoria da incerteza: imaginação literária, utopia pós-metafísica e o riso de Deus</i> Ricardo Gil Soeiro	135
<i>Pierre Hadot: askesis espiritual e vida filosófica</i> Bruno Bêu de Carvalho	145
<i>Um homem na sua humanidade: Fidelino de Figueiredo e a questão do sentido</i> Maria Graciete Gomes da Silva	153
<i>A Consolação da Filosofia de Boécio, da cultura à sabedoria</i> Luís M. G. Cerqueira	163

## II. MEMÓRIA, SABEDORIA E HISTÓRIA

<i>Onde está a sabedoria medieval?</i> José Mattoso	181
<i>A sabedoria de Petosíris: um repositório condensado de memória e de moral</i> José das Candeias Sales	199
<i>Historia magistra vitae (variações nos tempos de um conceito antigo)</i> Joana Duarte Bernardes	241
<i>Escrever para a imortalidade: praecipuum munus annalium</i> Ricardo Nobre	253
<i>O saber do texto</i> Teresa Amado	269
<i>Experiencia, memoria y sabiduría en el Libro del Caballero Zifar</i> Cristina Almeida Ribeiro	279
<i>Sermão de António (Lobo Antunes) aos peixes: sapiência e memória no pós-colonial</i> Norberto do Vale Cardoso	291

## III. MEMÓRIA, SABEDORIA E HERANÇA GRECO-LATINA

<i>“Mémoire” et “sagesse” dans le néoplatonisme grec: quelques réflexions à partir de la Vie de Pythagore de Jamblique</i> Jean-Marie Flamand	307
<i>A memória que herdámos dos gregos: da poesia, história e filosofia</i> Martinho Tomé Martins Soares	331
<i>O homem grego e a sua memória</i> Maria Mafalda Viana	349
<i>Musa, testemunho e textualidade</i> Henrique Carvalho	365
<i>O philosophos e a politeia em Plutarco</i> Joaquim Pinheiro	377

*Beatus ante mortem nemo – Creso, Sólon e o conceito de felicidade*  
Cristina Abranches Guerreiro

<i>Tradução como memória: a tradução do Pro Archia por Matias Viegas da Silva</i> Joana Serafim	397
<i>Tópicos da sabedoria monástica em Cassiano</i> Maria João Toscano Rico	405
<i>A escada de Electra: de Sófocles a Richard Strauss</i> Pedro Braga Falcão	419

## IV. MEMÓRIA, ORALIDADE E SABEDORIA POPULAR

<i>Romanceiro e memória</i> Pere Ferré	435
<i>O canto como anagnorisis e identificação em romances de Tradição Oral Moderna Portuguesa</i> Ana Sirgado	459
<i>Um discurso significativo sobre o incesto na Literatura Oral e Tradicional (Silvana e Delgadinha)</i> Ana Maria Paiva Morão	471
<i>O Cancioneiro Popular: da voz poética à memória</i> Lina Santos Mendonça	483
<i>“Once upon a time there was a country...” Photography, travel and knowledge</i> Susana S. Martins	509
<i>A imagética animal no discurso político: a tradição popular em Demóstenes – Contra Aristogíton</i> Nelson Henrique da Silva Ferreira	523
<i>A poesia herói-cômica e a memória de bagatelas: a celebração épica de trivialidades n’O Hissope de Cruz e Silva</i> Rui Carlos Fonseca	533



## ESCREVER PARA A IMORTALIDADE: *PRAECIPIUM MUNUS ANNALIUM*\*

Ricardo Nobre\*\*

Um dos motivos mais interessantes em textos de natureza literária tem que ver com a preservação da glória, tematizada na literatura ocidental desde a sua primeira manifestação. Nos poemas homéricos, um aedo recita os feitos dos heróis que combateram na guerra de Tróia, exaltando a sua glória (*kleos*) e virtude (*aretê*). A *Ilíada* e a *Odisseia* parecem surgir, antes de mais, como resultado da luta contra o esquecimento. De facto, “[i]n Homeric poetry, we find that *kleos* means not only ‘fame’ or ‘glory’ but also, more specifically, ‘the fame or glory that is conferred by the medium of poetry’” (Nagy 1989, 8). Neste caso, a própria definição do género literário em que estes poemas se inserem ficou “relacionada com valores e referências culturais” de que decorre um “pendor histórico-comunitário próprio” (Reis e Lopes 2000, s.v. “epopeia”, 129-131). Com efeito, a este género estão ligados “o passado épico nacional” e “a tradição nacional (e não a experiência individual e a livre invenção que dela deriva)”, como apontou Bakhtine (*apud* Reis e Lopes 2000, s.v. “epopeia”, 129-131). A mesma tendência de projecção no futuro de feitos heróicos, conquistas ou vitórias, garantindo-lhes a imortalidade, pode verificar-se ainda, com especial evidência, na poesia pindárica, comemorativa dos vencedores dos jogos e torneios que eram celebrados na Antiguidade (veja-se, a título de exemplo, os vv.61-63 da *Nemeia* VII).

Se é pertinente a generalização de Nagy (1989, 9), segundo o qual “[a]ll Greek literature – song, poetry, prose – originates in *kleos*, the act of praising famous deeds, and never entirely loses that focus”, então o mesmo poderá ser dito da literatura latina, que raramente esteve desligada de uma forte componente patriótica e política. Com efeito, a *Eneida*

\* Ensaio dedicado à Professora Cristina Pimentel.

\*\* Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa.

surge com o princípio doutrinário de perpetuar os feitos de Eneias, considerado “varão notável”, *insignem*, ou seja, “digno de reconhecimento pelas gerações futuras” (*Eneida* 1.10). Entendendo o protagonista como o representante da nação (Espírito Santo 1984), poderá dizer-se que celebrar Eneias é o mesmo que elogiar Roma e a obra de Augusto.

O *topos* da imortalidade dos heróis, dos seus feitos e, no caso da literatura latina, da grandiosidade de Roma e dos seus construtores e virtuosos defensores não está inteiramente desligado da fama dos textos e autores que os divulgam. As palavras finais das *Metamorfoses* são sugestivas desse valor. Ovídio julga que a sua obra jamais será destruída pela ira de Júpiter, pelo fogo ou pela passagem do tempo: “[P]arte tamen meliore mei super alta perennis/astra ferar, nomenque erit indelebile nostrum,/ quaque patet domitis Romana potentia terris,/ore legar populi, perque omnia saecula fama,/ [...] uiuam” (*Metamorfoses* 15.875-79)<sup>1</sup>.

O poder detido por um poeta é motivo para que Horácio ostente este princípio programático, cristalizado na célebre ode em que o autor afirma que a sua obra constitui um “monumentum aere perennius” [monumento mais perene do que o bronze] e mais elevado do que as pirâmides do Egipto (Williams 1969 – Horácio 3.30.1-2). Além disso, um texto cumpre a dupla função de perpetuar a memória dos heróis bem como dos seus autores. No mesmo sentido, Virgílio pode propor-se usar o seu poder para que a memória de Niso e Euríalo seja eterna: “[S]i quid mea carmina possunt,/nulla dies umquam memori uos eximet aeuo” (*Eneida* 9.446-47)<sup>2</sup>.

Com origem, primeiro, na tarefa de perpetuar a glória dos heróis, estes testemunhos passam a documentar o desejo de superação dos modelos ou da tradição literária das gerações precedentes. Quando Propércio anuncia, a propósito do génio de Virgílio, o aparecimento de algo superior à *Ilíada*, mais não faz do que dizer que o poema latino irá ultrapassar o modelo homérico: “Cedite Romani scriptores, cedite Grai!/Nescio quid maius nascitur Iliade” (*Elegias* 2.34.65-66)<sup>3</sup>. Estamos

<sup>1</sup> “[N]a minha melhor parte, serei levado imortal/para lá dos altos astros, e o meu nome será indestrutível./E por onde, nas terras subjugadas, o poder Romano se espalhar,/a boca dos povos ler-me-á, e por séculos sem fim, graças à fama [...], viverei” (tradução de P. F. Alberto).

<sup>2</sup> “[S]e algum poder têm os meus versos, dia algum, alguma vez, vos apagará da eterna memória” (tradução de L. Cerqueira).

<sup>3</sup> “Cedei o passo, ó escritores de Roma, cedei o passo, ó Gregos!/Está a nascer qualquer coisa maior do que a *Ilíada*” (tradução de M.ª C. Pimentel).

perante aquilo que Harold Bloom teorizou em 1973 como a “angústia de influência”, entre precursor e efebo (e, antes dele, outros, como T. S. Eliot 1919 ou Bate 1970; Feijó 1997). Sensíveis em todas as épocas e em textos de diversas naturezas, estas questões tornam-se particularmente evidentes na escrita historiográfica.

Em quase todas as obras dos principais historiadores que nos chegaram da Antiguidade Clássica (Heródoto, Tucídides, Políbio, Salústio, Tito Lívio e Tácito) podem ler-se princípios norteadores destes textos: eles servem “para que os feitos dos homens se não desvançam com o tempo, nem fiquem sem renome as grandes e maravilhosas empresas”, como escrevia Heródoto no prefácio das suas *Histórias*<sup>4</sup>, o primeiro historiador reconhecido enquanto tal, num prómio em que “it is implied that *kleos* is ‘the fame or glory that is conferred by the medium of poetry or prose’. Thus the prose of Herodotus does not differentiate itself, in self-reference, from the poetry of Homer” (Nagy 1989, 8).

Ao contrário de Heródoto, que faz uma *apodeixis* pública, Tucídides, por muitos considerado o maior historiador da Antiguidade, apresenta a sua obra como um valor permanente, uma propriedade privada (*ktêma es aiei*: *A Guerra do Peloponeso*, 1.22.4). Outro aspecto importante que caracteriza a sua obra é, como recorda Lesky (1995, 506), o facto de Tucídides não ter tido “a intenção de instruir os seus leitores com um critério seguro nos seus prognósticos políticos, nem quis colocar-lhe nas mãos um regulamento em conformidade com o qual se deveria decidir em casos concretos”.

Já Políbio tem uma perspectiva diferente da função da história. Para este autor, ela é a *magistra uitae*, para usar a célebre expressão ciceroniana (*De Oratore* 2.9.36). Com efeito, no início da sua obra, Políbio afirma que para os homens não existe ensinamento mais claro que o conhecimento de feitos passados (*Histórias* 1.1) e, quando se refere a autores anteriores, defende que a recordação de peripécias estranhas é mais clarividente e a única mestra que nos capacita para suportar com inteireza as mudanças da fortuna (*Histórias* 1.2).

No evoluir da historiografia latina, verifica-se uma transformação na forma de representação do passado e seus objectivos: se os primeiros analistas começam por escrever em grego para assegurar um meio de transmissão eficaz da luta dos Romanos contra os Cartagineses junto de

<sup>4</sup> Tradução de J. R. Ferreira e M. de F. Silva.

um público culto, o primeiro autor de uma história de Roma<sup>5</sup> em língua latina tem um intuito diferente. Catão não quer apenas celebrar os feitos romanos, quer demonstrar a herança de valores antigos (*mos maiorum*), utilizando para tal um estilo didáctico (Flower 2009, 66).

Assim sendo, a historiografia romana tem como função “to commemorate great deeds, to provide a repertory of acts and behaviors for emulation, or to analyze how societies fail” (Feldhen 2009, 2). Tal como se viu a propósito de Políbio, a historiografia romana funciona como repositório de informações do passado com um fim didáctico, pelo que requer “not only a narration of deeds but also an evaluation of them” (Marincola 2009, 19)<sup>6</sup>. Roller estuda a exemplaridade que orienta os leitores para determinadas práticas e valores, referindo-se a autores como Salústio, César, Lívio, Veleio Patérculo, Tácito, Valério Máximo, Frontino e Aurélio Victor: “Historiography’s saturation with the elements of exemplary discourse is unsurprising” (Roller 2009, 219).

A inteireza moral que estes princípios programáticos defendem com mais ou menos vigor encontrará eco naquele que é o maior historiador romano. Na obra de Cornélio Tácito, a História não serve apenas de *magistra uitae*, ou seja, ela não se limita a estabelecer paradigmas comportamentais, ainda que afirme: “[P]ures aliorum euentis docentur” (*Annales* 4.33)<sup>7</sup>. Neste estudo, pretende-se analisar a função da história na perspectiva de Tácito, para quem a escrita historiográfica entra em declínio depois da batalha de Áccio, ou seja, quando se verifica a mudança do regime republicano para um outro, de cariz monárquico:

[P]ostquam bellatum apud Actium atque omnem potentiam ad unum conferri pacis interfuit, magna illa ingenia cessere; simul ueritas pluribus modis infracta, primum inscitia rei publicae ut alienae, mox libidine adsentandi aut rursus odio aduersus dominantes. (*Historiae* 1.1)<sup>8</sup>

<sup>5</sup> Entendida como género literário; manifestações de celebração do passado surgem nos poemas de Énio e Névio, bem como em *fabulae praetextae* deste (Flower 2009, 67).

<sup>6</sup> Este espírito crítico tem origem na historiografia grega do século IV e irá tornar-se “a commonplace of later historiography, and a particular favorite of the Roman historians” (Marincola 2009, 20).

<sup>7</sup> “[A] maior parte da gente precisa para se instruir de exemplos alheios” (tradução de J. L. F. de Carvalho). As citações dos *Annales* seguem Tácito 1906 e a tradução segue J. F. L. de Carvalho 1830. Ao longo do presente texto, optou-se por actualizar a ortografia da versão portuguesa.

<sup>8</sup> “Depois da batalha de Áccio, em que todo o poder foi confiado a um só no interesse da paz, aqueles grandes talentos desapareceram; simultaneamente, a verdade foi tolhida de diversas maneiras:

Esta questão é repercutida no próêmio dos *Annales* (Marincola 1999): com efeito, não só a historiografia imperial, por receio ou admiração dos governantes, não soube estabelecer versões imparciais dos acontecimentos, como também se verificaram situações de grave censura. Deste modo, se há motivos para não ser necessário que Tácito refira assuntos antigos, porque foram já tratados por autores ilustres, na época de Augusto esses escritores foram sendo desvirtuados pela adulação crescente, tendo-se por isso chegado ao ponto em que não só os acontecimentos dos principados de Tibério, Gaio, Cláudio e Nero foram ficcionados por causa do medo, como também, depois que eles morreram, a História sofreu a influência de animosidades recentes (*Annales* 1.1).

Neste sentido, a obra tacitiana não deve ser comparada com a dos seus antecessores republicanos, que escreviam “*pari eloquentia ac libertate*” (*Historiae* 1.1)<sup>9</sup>, porque há grande diferença entre os temas ou feitos que aqueles tinham para narrar e aquilo que Tácito tem para contar:

[P]leraque eorum quae rettuli quaeque referam parua forsitan et leuia memoratu uideri non nescius sum: sed nemo annalis nostros cum scriptura eorum contenderit qui ueteres populi Romani res composuere [...]: nobis in arto et inglorius labor; immota quippe aut modice lacescita pax, maestae urbis res et princeps proferendi imperi incuriosus erat. (*Annales* 4.32)<sup>10</sup>

Acresce a isto, por um lado, a circunstância de se não defender unicamente a escrita da História antiga com motivação moral, mas principalmente a escrita da História contemporânea (uma vez que “*uetera extollimus recentium incuriosi*”: *Annales* 2.88<sup>11</sup>), feita sem preocupação com a posteridade<sup>12</sup>. Por outro lado, e mais importante ainda para

primeiro pelo desconhecimento do estado como [se os cidadãos fossem] estrangeiros, depois pelo desejo de adular, ou, de novo, pelo ódio contra os soberanos” (tradução minha).

<sup>9</sup> “[C]om igual eloquência e liberdade” (tradução minha). As citações das *Historiae* seguem Tácito 1989.

<sup>10</sup> “Muitos dos factos que tenho referido, e que ainda espero referir, hão-de parecer talvez a certa gente cousas de pouca importância, e como tais indignas de memória: porém não se devem comparar os meus Anais com as antigas histórias do povo Romano. [...] [O] meu objectivo é muito mais pequeno, e pode ser talvez que também assim seja a minha glória; porque escrevo de uma época em que quase sempre tem havido paz, ou poucas vezes tem sido perturbada; e em que não posso dar notícia senão de desgraças internas, e do governo de um príncipe que nunca ambicionou estender o seu império” (tradução de J. L. F. de Carvalho).

<sup>11</sup> “Desinteressados dos acontecimentos recentes, louvamos os antigos” (tradução minha).

<sup>12</sup> Trata-se da *cura posteritatis* (*Historiae* 1.1; *Annales* 4.11). Plínio-o-Moço revela essa preocupação na *Epistula* 6.16.1, dirigida a Tácito: “[P]etis ut tibi auunculi mei exitum scribam, quo uerius tradere pos-

este estudo, Tácito aborda a temática da contingência da liberdade que impede a escrita da História verdadeira. Nesta ordem de ideias, torna-se evidente a relação agonística entre a historiografia republicana (caracterizada pela *libertas*) e a imperial (tipicamente servil), que será tematizada nos *Annales* no discurso de Cremúcio Cordo, como se verá.

Estas decisões de suprir o que falta dizer de modo inteiramente imparcial trazem, porém, a questão da falta de originalidade dos feitos narrados. Nos *Annales*, o autor textual, a propósito do tipo de acções que descreve, diz sobre elas:

[N]am situs gentium, uarietates proeliorum, clari ducum exitus retinent ac redintegrant legentium animum: nos saeuia iussa, continuas accusationes, fallaces amicitias, perniciem innocentium et easdem exitii causas coniungimus, obuia rerum similitudine et satietate. (*Annales* 4.33)<sup>13</sup>

Semelhantes considerações são feitas no livro XVI (já no principado de Nero):

Etiā si bella externa et obitas pro re publica mortis tanta casuum similitudine memorarem, meque ipsum satias cepisset aliorumque taedium expectarem, quamuis honestos ciuium exitus, tristis tamen et continuos aspernantium: at nunc patientia seruilis tantumque sanguinis domi perditum fatigant animum et maestitia restringunt. (*Annales* 16.16)<sup>14</sup>

Seguindo o propósito exposto, o autor pede desculpa aos leitores e alerta para a importância daquilo que narra: “[N]eque aliam defensio-

teris possis” [pedes-me para te descrever a morte do meu tio para que a possas transmitir em relato mais fiel em benefício da posteridade] (tradução minha).

<sup>13</sup> “[T]ambém sei que quanto mais instrutivos são estes objectos menos devem agradar. A descrição de diferentes povos e dos diferentes países, a variedade das batalhas, e as acções ilustres dos grandes capitães naturalmente prendem e levam as atenções dos leitores: mas eu não posso nem tenho para contar senão ordens e decretos atrozes; acusações continuadas; pérfidas violações de amizade; ruína e desgraças de muitos inocentes; e ao mesmo tempo quais foram as suas causas; objectos estes que, por serem quase em tudo semelhantes, chegam por fim a enfastiar” (tradução de J. L. F. de Carvalho). *Enfastiar* surge como tradução de *satietate*, que poderia ser entendido como “enjoo”.

<sup>14</sup> “Ainda quando eu só tivesse a escrever as guerras estrangeiras, e todas essas mortes parecidas em serviço da República, a mesma uniformidade dos sucessos me teria enfastiado assim como aos meus leitores, que apesar de tão belas e magníficas acções de patriotismo e de glória, não poderiam suportar uma tão longa série de casos tão tristes. Mas qual não deve ser agora o horror e o abatimento de espírito, quando só tenho a contar exemplos de uma servil e estúpida paciência, e de tanto sangue inutilmente derramado no seio da paz, e até dentro em nossas casas?” (tradução de J. L. F. de Carvalho).

nem ab iis quibus ista noscentur exegerim, quam ne oderim tam segniter pereuntis” (*Annales* 16.16)<sup>15</sup>. Keitel (2009, 137) comenta que:

By its kinship to 4.32-3, Tacitus’ discussion at 16.16 suggests that things in Rome continue in the same vein but have become worse. Nero is not only the stock tyrant like Tiberius, revelling in his cruelty, but is also a disaster for the state on a scale far beyond that of his predecessors.

A falta de verdade das histórias que circulavam e a necessidade de celebrar as virtudes e os seus exemplos são, portanto, a explicação para que Tácito encontre espaço para a sua obra entre os historiadores romanos. Quanto aos assuntos que merecem ser recordados para a posteridade, ligados à preocupação com a memória das gerações futuras, eles estão relacionados com a exortação à liberdade de expressão e ao livre acesso às obras de História, pois estas constituem um elemento fulcral para a preservação da memória colectiva. Um *exemplum* claro desta perspectiva é o episódio da perseguição e condenação do historiador Cremúcio Cordo, no ano de 25 d.C.<sup>16</sup>, no qual me irei deter com demorado cuidado.

Apesar da importância que o caso estruturalmente adquire<sup>17</sup>, ele é apresentado de forma relativamente sumária e não chega a saturar as categorias da narrativa (as personagens são caracterizadas de modo muito simples, não se chega a ter uma clara percepção do tempo de duração do julgamento, o espaço é simplesmente o senado, referido apenas no fim):

Cornelio Cosso Asinio Agrippa consulibus Cremutius Cordus postulaturo nouo ac tunc primum audito crimine, quod editis annalibus laudatoque M. Bruto C. Cassium Romanorum ultimum dixisset, accusabant Satrius Secundus et Pinarius Natta, Seiani clientes. (*Annales* 4.34)<sup>18</sup>

<sup>15</sup> “Não pedirei contudo outra graça aos meus leitores senão que me não levem a mal o não ter mostrado ódio contra essas almas cobardes que tão fracamente se deixavam assassinar” (tradução de J. L. F. de Carvalho).

<sup>16</sup> Uma análise mais pormenorizada deste episódio, de onde se retomam as principais ideias aqui expostas, bem como alguns passos textuais, encontra-se em Nobre (2010, 165-171).

<sup>17</sup> É o primeiro episódio narrado nesse ano e surge precisamente depois das mais importantes considerações teóricas sobre o papel da História na memória dos povos.

<sup>18</sup> “Sendo cônsules Cornélio Cosso e Asínio Agripa, foi acusado Cremúcio Cordo de um crime novo e absolutamente desconhecido até àquele tempo; porque, tendo escrito e publicado uns *Anais*, fazia o elogio de Bruto e denominava G. Cássio o último dos Romanos. Os seus acusadores eram Sátrio Secundo e Pinário Nata, ambos clientes de Sejano” (tradução de J. L. F. de Carvalho).

O enredo constrói-se com a referência a uma acusação desconhecida até então: o louvor de duas personalidades ligadas à República e ao combate contra a ditadura, precursora do principado e, consequentemente, da censura, “as in some sense Tacitus himself had done at *Ann.* 3.76.2” (Moles 1998). De relevar ainda que “to note [...] the ‘first’ occurrence of something seems to imply the writer’s awareness of an innovation or turning point, a shift from an earlier, less familiar configuration of social practices and values to a later, more familiar one” (Roller 2009, 225).

O desfecho do caso é uma certeza por causa da ligação dos acusadores com Sejano, ministro de Tibério. Esta circunstância mostra também que é ele quem está realmente por trás da incriminação: “[I]d pernicious reo et Caesar truci uultu defensionem accipiens, quam Cremutius relinquendae uitae certus in hunc modum exorsus est” (*Annales* 4.34)<sup>19</sup>. Em juízo, Tibério mostra uma expressão fria e fechada<sup>20</sup>, o que confirma antecipadamente a perdição de Cordo. Destas palavras decorre que “first, Cremutius [...] must be regarded as wholly innocent; second, death is the only possible outcome of this trial: nothing Cremutius can say will make any difference” (Moles 1998).

O discurso de defesa de Cremúcio Cordo tem um desenvolvimento pouco comum nos *Annales* (pela extensão e pela forma em *oratio recta*), como notam Martin e Woodman (1989, 176-177). No entanto, é o facto de ser uma demonstração de um acto de coragem de alguém que sabe qual vai ser a sentença, pois não tem qualquer indício de clemência de parte do príncipe, que o singulariza: “[V]erba mea, patres conscripti, arguuntur: adeo factorum innocens sum, sed neque haec in principem aut principis parentem, quos lex maiestatis amplectitur” (*Annales* 4.34)<sup>21</sup>. No realce do conflito entre a prática e a palavra (escrita) é confirmada a ideia de que a acusação decorre unicamente do facto de o historiador ter louvado os assassinos de Júlio César<sup>22</sup>, e não

<sup>19</sup> “[C]ircunstância fatal para o réu, assim como a do rosto carregado e severo do César, que parecia estar-lhe já condenando a defesa” (tradução de J. L. F. de Carvalho).

<sup>20</sup> Esse é, aliás, o semblante com que o imperador costuma assistir aos julgamentos (*Annales* 2.28 e 3.15).

<sup>21</sup> “Vejo, pais conscritos, que se acusam as minhas palavras, prova evidente de que as minhas acções são inocentes. Nem elas foram ditas contra o príncipe ou contra sua mãe, o que só é crime de lesa-majestade” (tradução de J. L. F. de Carvalho).

<sup>22</sup> “Brutum et Cassium laudauisse dicor” [“sou simplesmente arguido por ter louvado Bruto e Cássio”] (*Annales* 4.34) espelha perfeitamente a acusação de que o narrador deu conta antes, “laudato-

por ter criticado alguém<sup>23</sup>: é essa a novidade na acusação que o narrador designava com a expressão “nouo ac tunc primum audito crimine” (*Annales* 4.34)<sup>24</sup>. Como se vê, apesar de o acusado ser Cremúcio Cordo, aquilo que efectivamente se irá condenar é a memória de dois heróis representantes da República.

Por ter assumido a culpa por louvar os tiranicidas, o caso de Cremúcio Cordo constitui uma importante observação teórica sobre o alargamento do âmbito da lei de traição, porque esta só compreendia ataques ao príncipe ou ao pai deste (Moles 1998)<sup>25</sup>. No entanto, é preciso ter em atenção que ter louvado os assassinos de César não é compatível com aquilo que Cordo defende no seu discurso. Se, por um lado, se atribui grande poder<sup>26</sup> às palavras (nomeadamente àquelas que estão ao serviço do discurso historiográfico), por outro, elas são esvaziadas do seu valor real quando Cremúcio afirma: “Brutum et Cassium laudauisse dicor quorum res gestas cum plurimi compererint, nemo sine honore memorauit” (*Annales* 4.34)<sup>27</sup>. Ou seja, passa a estar em causa a inserção de Cremúcio Cordo numa tradição que nunca deixou de recordar Bruto e Cássio com honra porque tem liberdade para isso: o discurso passa a ser sobre a liberdade com que se pode escrever a História, independentemente do cenário político que a enforma.

Para ilustrar esse preceito, Cordo cita diversas autoridades. Assim, não só refere figuras tradicionalmente ligadas à República, mas também aqueles que criticaram ou satirizaram os responsáveis pela nova ordem política: são mencionados, como partidários, Tito Lívio, que louvou Pompeio, Cecílio Cipião, Afrânio<sup>28</sup> e Asínio Polião, que louva-

que M. Bruto C. Cassium Romanorum ultimum dixisset” [“fazia o elogio de Bruto, e denominava G. Cássio o último dos Romanos”] (*Annales* 4.34) (tradução de J. L. F. de Carvalho).

<sup>23</sup> Cf., a propósito de Cássio Severo, *Annales* 1.72 e 4.21; “Cordus’ wording *uerba mea arguuntur: adeo factorum innocens sum* pointedly contrasts with Tacitus’ own comment at 1.72.2 on the general application of the law until the end of Augustus’ reign: *facta arguebantur, dicta impune erant*. [...] [I]n 1.72.3 Tacitus himself notes that Augustus was the first to employ the law with regard to ‘libellous writings’, those of Cassius Severus against illustrious men and women” (Moles 1998).

<sup>24</sup> “[U]m crime novo e absolutamente desconhecido até àquele tempo” (tradução de J. L. F. de Carvalho).

<sup>25</sup> Para aspectos que concernem à legalidade do caso, *vide* Martin e Woodman (1989, 177 e 179).

<sup>26</sup> Recordem-se os exemplos expostos no início deste estudo em que as obras literárias são vistas como tendo algum poder para preservar a glória ou a memória dos heróis louvados ou dos seus autores.

<sup>27</sup> “[S]ou simplesmente arguido por ter louvado Bruto e Cássio, cujas acções também muitos têm escrito, e ninguém sem lhes fazer elogio” (tradução de J. L. F. de Carvalho).

<sup>28</sup> Republicanos mortos na batalha de Tapso, em 46 a.C.

ram Cássio e Bruto; Messala Corvino louvou Cássio, e Cícero elogiou Catão. Noutra perspectiva, como opositores, encontram-se António e Bruto, que censuraram Augusto, e Bibáculo e Catulo, que criticaram Júlio César e Augusto<sup>29</sup>.

Na utilização destes exemplos, Cremúcio pretende também diluir a diferença entre o louvor que ele mesmo fez e as críticas que outros fizeram, tendo como objectivo defender a memória colectiva (tema central deste episódio): “[H]aud facile dixerim, moderatione magis an sapientia, namque spreta exolescunt: si irascere, adgnita uidentur” (*Annales* 4.34)<sup>30</sup>. Noutra perspectiva, Moles (1998) assinala:

Tiberius and his henchmen are shown to behave in such a way as to undermine still further the Augustan claim to have restored the Republic. They are incapable of implementing the tolerant pluralism of Augustan rhetoric and, to a limited extent, of Augustan reality.

Nesta demonstração de saber (de facto, Tácito, pelo discurso de Cremúcio, revela conhecer muito bem a tradição literária e historiográfica romana<sup>31</sup>), nem todos os exemplos se podem considerar ao mesmo nível. É que alguns são claramente falaciosos porque não comparáveis com o presente cenário, como quando Cremúcio Cordo diz “non attingo Graecos” (*Annales* 4.35.1)<sup>32</sup>, uma vez que os pleitos e discussões dos Gregos se fazem por palavras, e não têm consequências práticas (o que configura uma desresponsabilização da palavra e a sua menorização).

Do meu ponto de vista, é quando reivindica a liberdade para escrever sobre personalidades mortas que Cordo apresenta os mais significativos (e últimos) argumentos do seu discurso: “[S]ed maxime solutum et sine obtrectatore fuit prodere de iis quos mors odio aut gratiae emisisset” (*Annales* 4.35)<sup>33</sup>. Assim, o discurso do acusado termina com um apelo à liberdade de expressão e ao reconhecimento de que a sua obra, por

<sup>29</sup> Cordo não evoca Tibério nem Sejano (Martin e Woodman 1989, 178).

<sup>30</sup> “[N]ão sei em que brilharam mais, se em grandeza de alma, ou se em prudência e juízo; porque os ditos que se desprezam por si mesmos se vêm a esquecer, mas se daqueles nos vingamos mostramos então que os merecíamos” (tradução de J. L. F. de Carvalho).

<sup>31</sup> A genealogia das palavras de Cordo é inteiramente tacitiana, como demonstrou Syme (1958, 337n.) e confirmaram Martin e Woodman (1989, 178).

<sup>32</sup> “Não falo dos Gregos” (tradução de J. L. F. de Carvalho). Não se trata de uma *praeteritio*, como explicam Martin e Woodman (1989, 182).

<sup>33</sup> “Aquilo porém sobre que nunca houve dúvida, e que nunca mereceu repreensão foi, certamente, o falar dos mortos, para quem já não deve haver ódio nem favor” (tradução de J. L. F. de Carvalho).

louvar, não incita à guerra civil, numa sucessão de perguntas retóricas que têm como efeito a criação de laços de solidariedade e cumplicidade entre o leitor e a personagem:

[N]um enim armatis Cassio et Bruto ac Philippensis campos optinentibus belli ciuilibus causa populorum per contiones incendio? an illi quidem septuagesimum ante annum perempti, quo modo imaginibus suis noscuntur, quas ne uictor quidem aboleuit, sic partem memoriae apud scriptores retinent? (*Annales* 4.35)<sup>34</sup>

As últimas palavras do discurso vão ao encontro do tema deste estudo: a censura que o presente faz do passado, que impossibilita o conhecimento da verdade no futuro. Com efeito, “suum cuique decus posteritas rependit; nec deerunt, si damnatio ingruit, qui non modo Cassii et Bruti set etiam mei meminerint” (*Annales* 4.35)<sup>35</sup>. Assim, como refere Moles (1998):

One main function of Cordus' speech, therefore, is to re-emphasise the fact that although a monarchical system always and necessarily creates problems for freedom of thought and freedom of speech, the distinction between relatively moderate monarchs and outright tyrants matters.

Trata-se, afinal, do reassumir do poder da palavra, que perpetua a memória de quem leva a cabo feitos gloriosos, mas também de quem os regista para a posteridade. No tempo em que Tácito escrevia, sabia-se que Cremúcio estava certo, e que a sua obra fora preservada, apesar de, depois de sair do senado (onde o processo decorria), ter posto termo à vida pela abstinência: “[E]gressus dein senatu uitam abstinentia finiuit. libros per aedilis cremandos censuere patres: set manserunt, occultati et editi” (*Annales* 4.35)<sup>36</sup>. “This ‘cremation’ aims also to obliterate his very *nomen: Cremutius*”, comenta Moles (1998; Sailor 2008, 305-307).

<sup>34</sup> “Porventura convide eu o povo em meus escritos para a guerra civil; faço eu ainda partido com Bruto e Cássio; ou estão eles também ainda em armas nos campos de Filipos? Apesar de terem morrido há mais de sessenta anos, não se conserva ainda a sua memória não só pelo que deles falam os escritores, mas pelas suas mesmas estátuas que até respeitou o vencedor?” (tradução de J. L. F. de Carvalho).

<sup>35</sup> “A posteridade sempre é justa em pagar a cada um o que merece; e eu também, quando seja condenado, verei correr a minha fama como a de Cássio e como a de Bruto” (tradução de J. L. F. de Carvalho).

<sup>36</sup> “Saindo depois para fora do senado, se deixou morrer à fome. Os padres decidiram que os seus livros fossem queimados pelos edis: apesar disso se conservaram escondidos, e pelo tempo adiante se vieram a fazer públicos” (tradução de J. L. F. de Carvalho).

No mesmo sentido das últimas palavras do discurso de Cordo vão as do próprio Cornélio Tácito, pelo que se deve achar nelas a identificação do autor textual com a personagem:

[Q]uo magis socordiam eorum inridere libet qui praesenti potentia credunt extingui posse etiam sequentis aevi memoriam. nam contra punitis ingeniis gliscit auctoritas, neque aliud externi reges aut qui eadem saeuitia usi sunt nisi dedecus sibi atque illis gloriam peperere. (*Annales* 4.35)<sup>37</sup>

Moles (1998) encara o riso como profundamente subversivo (principalmente se confrontado com a expressão inabalável de Tibério) e entende que estas observações demonstram que os oprimidos “have the last laugh”. É ridículo tentar apagar a memória de um povo, pois isso apenas provocará mais glória para os perseguidos.

O papel que a História tem na preservação da memória é, pois, inegável, como é aqui visível pela crítica feita à tentativa de controlo da liberdade de expressão. A mesma atitude doutrinária pode ser lida nos *Annales* quando Tácito diz que não é seu intento referir senão as opiniões que se fizeram mais notáveis ou pela sua decência ou pela sua insigne baixaza: “Exequi sententias haud institui nisi insignis per honestum aut notabili dedecore, quod praecipuum munus annalium reor ne uirtutes sileantur utque prauis dictis factisque ex posteritate et infamia metus sit” (*Annales* 3.65)<sup>38</sup>. Tácito, na esteira de outros historiadores, crê que o principal objecto dos Anais é pôr em evidência as grandes virtudes, mas também revelar todos os discursos e acções vergonhosas, para que, ao menos, o receio da posteridade acautele os outros de caírem nas mesmas infâmias. Sobre estes comentários, Feldhen (2009, 5) afirma:

By perpetuating a system in which praise and blame function respectively as the reward and punishment for actions, the historian can hope to regulate the behav-

<sup>37</sup> “É pois bem para fazer rir a estultícia ou a estupidez daqueles que se persuadem ter poder bastante para com as suas proscricções de um momento agrilhoar a voz de todos os séculos! Antes a fazem mais forte e mais sonora; porque quanto mais oprimem os talentos maior glória com isso lhes preparam. É o que tem acontecido aos reis estrangeiros, e a quantos têm seguido o seu exemplo: cobriram-se de infâmia e fizeram imortais os perseguidos” (tradução de J. L. F. de Carvalho).

<sup>38</sup> “Não é meu intento referir senão as opiniões que se fizeram mais notáveis ou pela sua decência ou pela sua insigne baixaza: porque creio ser o principal objecto dos anais pôr em evidência as grandes virtudes, assim como revelar todos os discursos e acções vergonhosas, para que, ao menos, o receio da posteridade acautele os outros de caírem nas mesmas infâmias” (tradução de J. L. F. de Carvalho). Sobre este passo, vide ainda Luce (1991).

iors of contemporaries as well, subjecting even emperors, some of whom struggled precisely to distance themselves from the sphere of aristocratic competition, to the control and judgment of peers.

O cumprimento de um objectivo tão elevado justifica que, num outro passo, e apesar do enfado que possa causar ao leitor, Tácito critique quem não recorda nas suas obras a morte e o castigo de muitos homens:

[N]eque sum ignarus a plerisque scriptoribus omissa multorum pericula et poenas, dum copia fatiscunt aut quae ipsis nimia et maesta fuerant ne pari taedio lecturos adficerent uerentur: nobis pleraque digna cognitu obuenerere, quamquam ab aliis incelebrata. (*Annales* 6.7)<sup>39</sup>

Destas observações pode verificar-se também, na obra de Tácito, a manifestação da tendência moralizadora que caracteriza a historiografia romana, de uma forma geral, e que justifica o estilo sentencioso de alguns passos dos *Annales*, como que a explicar os motivos por que os acontecimentos ocorrem, ou a generalizar uma lição que deles resulte. Estes são momentos em que o narrador da história se preocupa com a acção humana e pretende mostrar o que se passou para servir de lição para o presente e para o futuro, inserindo-se na tradição historiográfica de autores como Políbio.

Esta visão particularmente negativa sobre o passado, na preocupação pela não-perpetuação desse mal no futuro, pode ser comprovada no início da biografia de Agrícola, sogro de Tácito. Aludindo à nefanda governação de Domiciano, o historiador defende: “Memoriam quoque ipsam cum uoce perdidissemus, si tam in nostra potestate esset obliuisci quam tacere” (*Agricola* 2)<sup>40</sup>.

Neste ensaio, inseriu-se a historiografia na tradição literária da Antiguidade na busca da perpetuação do valor, do renome e da fama do escrito e do escritor, ou seja, a procura da imortalidade através da escrita, cuja função é recuperar o passado, para que a memória não se

<sup>39</sup> “Conheço muito bem que quase todos os escritores omitem uma grande parte destas acusações e suplícios, ou porque lhes causassem aborrecimento pelo seu grande número, ou porque, afligindo-se com estas tristes pinturas, também não quissem magoar com elas os corações dos leitores. Contudo, na minha opinião, quase todas estas cousas me parecem dignas de memória, apesar de que todos não tenham pensado da mesma maneira” (tradução de J. L. F. de Carvalho; *Annales* 16.16).

<sup>40</sup> “Se fosse possível esquecer, com a mesma facilidade que é possível calar, até a memória teríamos perdido, e não apenas a voz” (tradução minha).

perca. Como se viu, esses objectivos nortearam desde sempre a produção da literatura ocidental em diversos géneros. Na análise de alguns passos das obras históricas de Tácito, e de um episódio em particular, verificou-se que o constrangimento da liberdade (agenciado por reis e imperadores tiranos<sup>41</sup>) dificulta a transmissão da verdade às gerações futuras, pelo que, em Tácito, a história serve igualmente para que não sejam esquecidas as atitudes mais torpes e indecorosas: “[A]dulationi foedum crimen seruitutis, malignitati falsa species libertatis inest” (*Historiae* 1.1)<sup>42</sup>.

#### Obras citadas

- Bate, W. J. 1970. *The Burden of the Past and the English Poet*. Cambridge, MA: Belknap Press.
- Bloom, H. 1997. *The Anxiety of Influence: A Theory of Poetry*. 2.ª edição. Nova Iorque: Oxford University Press.
- Carvalho, J. L. F. de. 1830. *Os Annaes de Cornélio Tácito Traduzidos em Linguagem Portuguesa*, 2 vols. Paris: J. P. Aillaud.
- Cícero, M. T. 1995. *Scripta quae Manserunt Omnia*. III. *De Oratore*. Edição de K. F. Kumaniecki. Estugarda/Leipzig: Teubner.
- Eliot, T. S. 1975 [1919]. Tradition and the Individual Talent. In *Selected Prose of T. S. Eliot*. Edição de Frank Kermode. Londres: Faber.
- Espírito Santo, A. 1984. Contributo para uma leitura da *Eneida* mediante a análise da figura de Eneias. *Classica: Boletim de Pedagogia e Cultura* 11: 77-120.
- Feijó, A. M. 1997. Influência. In *Biblos*, vol. II. Lisboa: Editorial Verbo.
- Feldhen, A. 2009. Introduction. In *The Cambridge Companion to Roman Historians*. Edição de A. Feldhen. Cambridge: Cambridge University Press.
- Flower, H. L. 2009. Alternatives to Written History in Republican Rome. In *The Cambridge Companion to Roman Historians*. Edição de A. Feldhen. Cambridge: Cambridge University Press.
- Heródoto. 2002. *Histórias: Livro I*. Tradução de J. R. Ferreira e M. de F. Silva. Lisboa: Edições 70.
- Keitel, E. E. 2009. “Is Dying So Very Terrible?” The Neronian *Annals*. In *The Cambridge Companion to Tacitus*. Edição de A. J. Woodman. Cambridge: Cambridge University Press.

<sup>41</sup> Sailor (2008, 299-305) relaciona o episódio de Cremúcio Cordo com as palavras de Tibério em 4.37-38, e revê nesta acusação a vingança de Tácito à reputação do imperador.

<sup>42</sup> “Na lisonja reside a acusação torpe de servidão, na maldade a falsa ideia de liberdade” (tradução minha).

- Lesky, A. 1995. *História da Literatura Grega*. Tradução de M. Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Luce, T. J. 1991. Tacitus on “History’s Highest Function”: *praecipuum munus annalium* (Ann. 3.65). In *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, vol. II.33.4. Berlin/Nova Iorque: Walter de Gruyter.
- Marincola, J. 2009. Ancient Audiences and Expectations. In *The Cambridge Companion to Roman Historians*. Edição de A. Feldhen. Cambridge: Cambridge University Press.
- . 1999. Tacitus’ Prefaces and the Decline of Imperial Historiography. *Latomus* 58: 391-404.
- Martin, R. H., e A. J. Woodman, eds. 1989. *Tacitus Annals, Book IV*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Moles, J. 1998. Cry Freedom: Tacitus Annals 4.32-35. *Histos* 2, <http://www.dur.ac.uk/Classics/histos/1998/moles.html> (consultado em Janeiro de 2010).
- Nagy, G. 1989. Early Greek Views of Poets and Poetry. In *The Cambridge History of Literary Criticism, vol. I: Classical Criticism*. Edição de G. A. Kennedy. Cambridge: Cambridge University Press.
- Nobre, R. 2010. *Intrigas Palacianas nos Annales de Tácito: Processos e Tentativas de Obtenção de Poder no Principado de Tibério*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- Ovídio. 2007. *Metamorfoses*. Tradução de P. F. Alberto. Lisboa: Livros Cotovia.
- Píndaro. 1947. *Carmina cum Fragmentis*. 2.ª edição. Edição de C. M. Bowra. Oxford: Clarendon Press.
- Plínio, C. C. S. 1958. *Epistularum Libri Nouem. Epistularum ad Traianum Liber. Panegyricus*. Edição de M. Schuster. Leipzig: Teubner.
- Políbio. 1969. *Histoires, livre I*. Edição e tradução de P. Pédech. Paris: Les Belles Lettres.
- Propércio. 2002. *Elegias*. Tradução de A. A. Nascimento, M.ª C. Pimentel, P. F. Alberto e J. A. Segurado e Campos. Lisboa/Assis: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa/Accademia Properziana del Subasio.
- Reis, C., e A. C. M. Lopes. 2000. *Dicionário de Narratologia*. 7.ª edição. Coimbra: Livraria Almedina.
- Roller, M. 2009. The Exemplary Past in Roman Historiography and Culture. In *The Cambridge Companion to Roman Historians*. Edição de A. Feldhen. Cambridge: Cambridge University Press.
- Sailor, D. 2008. *Writing and Empire in Tacitus*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Syme, R. 1958. *Tacitus*. Oxford: Oxford University Press.
- Tácito, C. 1989. *Libri qui Supersunt. II – 1 Historiarum Libri*. Edição K. Wellesley. Leipzig: Teubner.
- . 1942. *Vie d’Agricola*. Edição e tradução de E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres.

- . 1906. *Annalium Libri ab Excessu Diui Augusti*. Edição de C. D. Fisher. Oxford: Clarendon Press.
- Tucidides. 1953. *La Guerre du Péloponnèse*. Edição e tradução J. de Romilly. Paris: Les Belles Lettres.
- Vergílio. 2005. *Eneida*. 2.<sup>a</sup> edição. Tradução de L. Cerqueira, A. A. A. de Sousa e C. A. Guerreiro. Lisboa: Bertrand.
- Williams, G., ed. e trad. 1969. *The Third Book of Horace's Odes*. Oxford: Clarendon Press.

## **MEMÓRIA & SABEDORIA**

Coordenação: José Pedro Serra | Helena Carvalhão Buescu  
Ariadne Nunes | Rui Carlos Fonseca

Capa: António Pedro

Revisão: Marta Pacheco Pinto, Rui Carlos Fonseca, Ariadne Nunes e Edições Húmus

© EDIÇÕES HÚMUS, 2011  
End. postal: Apartado 7097 – 4764-908 Ribeirão, V. N. Famalicão  
Tel. 252 301 382 / Fax 252 317 555  
E-mail: humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V. N. Famalicão  
1.ª edição: Setembro de 2011  
Depósito legal: 333261/11  
ISBN 978-989-8139-89-4